

DONA CRISTINA PERDEU A MEMÓRIA

roteiro de Ana Luiza Azevedo, Jorge Furtado e Rosângela Cortinhas
tratamento 8 - 27/02/2002

CENA 1 - EXT/DIA - PRIMEIRO DIA - PÁTIO DA CASA DE ANTÔNIO

No pátio dos fundos de uma casa de madeira, ANTÔNIO, 8 anos, está equilibrando uma tábua em cima de uma lata para completar uma grande pista de rampas cuidadosamente construída com material de sucata. Antônio pega um triciclo velho caído ao lado da pista e vai para o início da pista. Mesmo sendo muito grande para o triciclo, Antônio pedala muito compenetrado por todas as rampas e pontes. A madeira que estava no chão volta a cair, derrubando Antônio que fica irritado. Quando Antônio se levanta vê DONA CRISTINA, 70 anos, que se aproxima da cerca de madeira que divide o pátio da casa de Antônio com um asilo ao lado. Dona Cristina carrega uma tábua, um martelo, pregos e outros materiais de marcenaria.

Dona Cristina começa a consertar um buraco na cerca. Ela tira o relógio para trabalhar. Antônio se aproxima e fica olhando D. Cristina trabalhar, sem falar nada. Dona Cristina olha para Antônio, continua consertando a cerca. E olha novamente para Antônio um pouco impaciente

DONA CRISTINA

Bom dia! Não te ensinaram a cumprimentar as pessoas quanto tu te aproximas delas.

Antônio não diz nada. Apenas olha.

DONA CRISTINA

(um pouco mais doce) Como é o teu nome?

ANTÔNIO

Antônio.

DONA CRISTINA

Antônio! Na minha família tem muitos Antônios. Meu irmão é Antônio e a gente chamava ele de Nico. Meu pai era Antônio e chamavam ele de Toninho, meu avô era Antônio e chamavam ele de Seu Tônico e meu bisavô era Antônio e chamavam ele de Coronel. Na verdade eu acho que é o único que o codinome parecia mais importante do que o

nome. Porque os outros pareciam todos uns pequenininhos, não acha: Nico, Toninho, Tonico... Eu acho que Antônio tem que ser chamado de Antônio.

ANTÔNIO

O que que é codinome?

DONA CRISTINA

Codinome é um nome que a gente inventa quando a gente não quer que saibam o nome da gente. Por exemplo, meu nome é Maria Teresa Sipriana da Rocha Silveira. Mas eu acho um nome muito grande que parece de uma velha bruxa, então digo pra todo mundo que meu nome é Cristina.

Dona Cristina termina de fazer o conserto, recolhe o material, coloca o relógio no pulso.

DONA CRISTINA

Já terminei o meu conserto, vou entrar porque tá na hora deles me darem banho. Sabe que depois que você fica velho todo mundo começa a tratar você como um abobado, igualzinho como fazem quando a gente é criança sabe: (falando em falsete) oi vizinha, como é que tá hoje? Olha, mas a cara tá bem rosada. Conseguiu fazer cocô?

Antônio acha graça.

DONA CRISTINA

(já saindo) Tchau, Antônio. E não deixa ninguém te chamar por um apelido. Antônio é um nome muito bonito. É um nome de homem de verdade.

Dona Cristina se dirige ao alpendre do asilo que Antônio tenta enxergar através de um buraquinho na cerca.

CENA 2 - EXT/DIA - SEGUNDO DIA - PÁTIO DA CASA DE ANTÔNIO

No pátio dos fundos, Antônio está reequilibrando a mesma tábua que sempre cai da grande pista de rampas, agora mais incrementada com outras tábuas e latas velhas. Antônio pega seu triciclo e vai para o início da pista. Volta a pedalar rapidamente pelas rampas e pontes. Cai. D. Cristina trabalha na cerca, no mesmo buraco do dia anterior, o relógio está pendurado

na cerca. Antônio se aproxima, feliz.

ANTÔNIO
Oi.

DONA CRISTINA
Bom dia, mas que menino bem educado. Como é seu nome?

Antônio estranha, mas mesmo assim responde.

ANTÔNIO
Antônio.

DONA CRISTINA
Antônio! Sabe que aqui no asilo tem muitos Antônio. Aquele que não tira o pijama nunca é Antônio mas a agente chama ele de Nico.

Antônio, na ponta dos pés, tenta enxergar por cima da cerca.

DONA CRISTINA
O outro que tá na cadeira de rodas, também é Antônio e o apelido dele ó Toninho, e aquele que não tira a fatiota e tá sempre dando discurso também é Antônio mas todo mundo chama ele de Coronel. Ele é muito ranzinza e se acha muito importante. Dizem que lutou aí numa guerra. Eu nem sei que guerra é porque eu não gosto de guerra. Antônio é um nome esquisito né? Mas acho que não é nome de soldado, não. Antônio tem que ser um ator ou um escritor: Anthony Quinn, Antônio Gramsci; ou tem que ser dono de padaria, de armazém: vai lá no seu Antônio e compra 10 cacetinhos no caderno.

Antônio não acha muita graça. Dona Cristina pega o relógio, recolhe as ferramentas e se despede de Antônio.

DONA CRISTINA
Bom, acho que hoje não vou poder terminar meu serviço. Tenho que tomar banho porque é dia de visita. E eu tou louca pra ver quem vem me visitar.

Dona Cristina se afasta e Antônio pode enxergar melhor o alpendre do asilo pelo buraco que ela deixou na cerca.

CENA 3 - EXT/DIA - TERCEIRO DIA - PÁTIO DA CASA DE ANTÔNIO

Antônio brinca na rampa, ainda mais incrementada, cuidando pra ver se D. Cristina vem pra cerca. D.Cristina chega com as mesmas ferramentas e começa a tirar a tábua concertada. Tira o relógio do braço, pendura na cerca, repetindo o mesmo ritual dos dias anteriores. Antônio se aproxima.

DONA CRISTINA

Bom dia. Como é o teu nome?

ANTÔNIO

Adalberto.

DONA CRISTINA

Adalberto! Na minha família tem muitos Adalberto. Meu irmão é Adalberto e a gente chamava ele de Neco. Meu pai era Adalberto e chamavam ele de Beбето, meu avô era Adalberto e chamavam ele de Seu Beto e meu bisavô era Adalberto e chamavam ele de Marechal. Dizem que ele era muito ranzinza e se achava muito importante.

Dona Cristina recolhe as ferramentas e se despede de Antônio.

DONA CRISTINA

Depois ficou velho e tinham que dar banho nele como em todo mundo. Coisa triste é alguém ter que dar banho na gente. Ainda bem que eu sei tomar banho sozinha.

Dona Cristina se afasta e Antônio fica olhando para o relógio, na cerca.

CENA 4 - EXT/DIA - QUARTO DIA - PÁTIO DA CASA DE ANTÔNIO

D. Cristina trabalha na cerca no mesmo lugar dos outros dias. A rampa de Antônio com a mesma tábua no chão está vazia. Antônio não aparece.

CENA 5 - EXT/DIA - QUINTO DIA - PÁTIO DA CASA DE ANTÔNIO

D. Cristina trabalha na cerca. Ao contrário dos outros dias, D. Cristina está trabalhando em outro lugar na cerca e o buraco é cada vez maior Antônio aparece. Ela chama por ele.

D.CRISTINA
Vem cá.

Antônio se aproxima.

D.CRISTINA
Como é o teu nome?

ANTÔNIO
Frederico.

D.CRISTINA
Sabe que eu tinha um filho que era muito parecido contigo, mas ele se chamava Francisco. Quando ele ficou moço, foi estudar na Alemanha e sempre que voltava me trazia muitos presentes. Uma vez me trouxe um relógio. Um relógio suíço. Acho que foi o presente que mais gostei. Um dia eu perdi o relógio. Não lembro quando foi, mas faz muito tempo. Eu gostava tanto do relógio que tirava sempre que eu ia fazer alguma coisa. Pra não sujar. E perdi.

CENA 6 - EXT/DIA - SEXTO DIA - PÁTIO DA CASA DE ANTÔNIO

D. Cristina trabalha, Antônio aparece. E fica olhando D. Cristina meio de longe.

DONA CRISTINA
Ei gurizinho, vem cá.

Antônio se aproxima.

DONA CRISTINA
Como é o teu nome.

ANTÔNIO
Antônio.

DONA CRISTINA
Eu tenho um presente pra ti, Antônio.

D.Cristina dá para Antônio um monte de pedaços de madeira tirados da cerca. Antônio pega, encantado.

ANTÔNIO

Eu também tenho um pra senhora.

Antônio larga a madeira no chão e tira o relógio de D. Cristina do bolso. Dá o relógio pra ela.

DONA CRISTINA

(pegando o relógio) Que lindo! É muito parecido com um que eu tinha, perdi num dia desses. Era um relógio suíço que eu ganhei do meu filho. Quando ele ficou moço ele foi estudar na Alemanha e se tornou aviador. Era comandante de uma grande companhia. Desde pequenininho ele adorava voar. E um dia ele voou tão alto que o avião dele sumiu no céu.

D.Cristina já não trabalha na cerca e olha para o céu como se seguisse o vôo de um avião. Antônio ouvia encantado a história de D.Cristina e seguia o seu olhar tentando enxergar o avião que ela parecia ver.

DONA CRISTINA

Claro que a história não é bem assim, mas é esta que eu guardo na memória pra não ficar muito triste. (voltando a olhar para o relógio) Este eu vou guardar na minha caixinha de relíquias pra não perder.

ANTÔNIO

O que que é relíquia?

DONA CRISTINA

Relíquia é uma coisa muito velha que não tem importância pra ninguém. Só pra ti.

CENA 7 - EXT/DIA - SÉTIMO DIA - PÁTIO DA CASA DE ANTÔNIO E DO ASILO

Cerca entre os dois pátios já quase toda desmontada. A pista no pátio de Antônio está bem mais incrementada. Dona Cristina, ajoelhada no chão, coloca outros suportes para equilibrar a tábua que sempre cai. De uma caixa cheia de quinquilharias ela tira uma presilha de uma rede de ping pong e prende a tábua.

Antônio se aproxima ainda com pijama e cabelos desajeitados (cara de quem acabou de acordar).

DONA CRISTINA

Bom dia, Antônio. Hoje tu dormiste mais que a cama.

Antônio sorri, ainda se espreguiçando.

DONA CRISTINA

(se levantando com certa dificuldade) Acho que agora não cai mais.

Antônio rapidamente pega o triciclo e se dirige para o início da pista. Dona Cristina o interrompe.

DONA CRISTINA

Espera um pouquinho. Antes de tu te perder na pista eu tenho uma coisa muito séria pra te dizer.

Antônio obedece. Dona Cristina pega a velha caixa com quinquilharias e de senta num dos bancos arrumados como se fosse uma arquibancada.

DONA CRISTINA

(com a caixa no colo) Senta aqui.

Antônio senta ao seu lado.

DONA CRISTINA

(falando em tom baixo, conspiratório) Os meus colegas lá daquela casa onde eu moro tão só coxixando, dizendo que eu tou perdendo a memória. Mas não é verdade. Toda minha memória tá aqui dentro e eu não perdi nada. Eu acho que eles tão inventando esta história é pra me roubarem porque aqui tem coisas muito valiosas.

Dona Cristina abre a caixa e começa a tirar as coisa de dentro.

DONA CRISTINA

Tá vendo esta concha? (coloca no ouvido do Antônio) Conseguir ouvir o barulho do mar? Quando eu era pequena nós íamos pra praia de carreta. Minha mãe fazia fornadas de bolachas. Botava numas latas grandes. A gente enchia a carreta de cobertas, comida e saíamos atravessando as

fazendas até chegar na praia. (pega uma nota de dinheiro antiga) Este dinheiro o meu padrinho me deu uma vez que foi nos visitar, ele morava em Caxias e só aparecia uma vez por ano. Eu achei melhor não gastar e guardar como uma lembrança dele. (pega um binóculo daqueles antigos com fotos dentro) Este binóculo meu marido comprou numa viagem que fizemos para o Rio de Janeiro de navio. Naquela época demorávamos 20 dias para chegar no Rio de Janeiro. (pegando um aviãozinho de metal) Este era um dos aviõezinhos do Francisco. Eu dei pra ele quando ele fez cinco anos. Acho que foi aqui que ele começou a querer ser aviador.

Dona Cristina fecha a caixa e a entrega para Antônio.

DONA CRISTINA

Eu quero que tu guarde tudo isto aqui pra mim. Porque quando alguém vier dizer que eu tou perdendo a memória eu digo que é mentira. Que ela tá bem guardadinha.

ANTÔNIO

(pegando a caixa) Pode deixar. Sempre que a senhora quiser se lembrar de alguma coisa é só a senhora me pedir.

Antônio se levanta, pega uma corda, amarra a caixa no triciclo e começa a trilhar a pista cuidadosamente. Logo à sua frente está a tábua que cai. Dona Cristina o assiste com atenção. Antônio vai pedalando devagarinho. Chega na tábua que cai. A tábua treme. Antônio tenta se equilibrar. Quase cai para o lado de dentro. Dona Cristina olha temerosa. Antônio tenta reequilibrar o triciclo. O triciclo desequilibra para o lado de fora. Antônio consegue reequilibrá-lo e passa pela tábua crítica. Dona Cristina respira aliviada. Antônio acena para ela e pedala com mais segurança e mais rápido em direção ao final da pista.

Câmera se afasta. Antônio chega no final da pista. Desce. Festeja com Dona Cristina que coloca ele num pódio improvisado e coloca um cordão no seu pescoço como se fosse uma medalha.

Créditos sobre a imagem.

FIM

(c) Ana Luiza Azevedo, Jorge Furtado e Rosângela Cortinhas, 2002
Casa de Cinema de Porto Alegre
<https://www.casacinepoa.com.br>